

AS MINORIAS NO CINEMA

Ana Luísa Araújo Martins¹, Camila
Penna Barbosa ², e Carolina Dal Ferro Silva³

¹UFMG/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/analuisaamartins@gmail.com

²UFMG/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/camilapennabarb@gmail.com

³UFMG/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/caroldalferro@gmail.com

Resumo: O cinema, desde seu primórdio, foi majoritariamente explorado pelos homens brancos e os efeitos desse privilégio se encontram presentes no audiovisual até hoje, fazendo com que venham a tona os preconceitos e a marginalização das minorias: mulheres, negros e LGBT+, cuja falta de representatividade, vai do espectador ao profissional cinematográfico. Este artigo aborda a negligência dos homens brancos perante às minorias e procura problematizar a relação de dominância entre os grupos, além de argumentar a favor da mudança neste cenário.

Palavras-chave: cinema, minoria, mulheres, negros, LGBT+

1. Introdução

Qualquer um que estude a história do cinema irá se deparar com inúmeros e conhecidos nomes, como Porter e Griffith, pioneiros, Fritz Lang do Expressionismo Alemão, Michael Curtiz e seu Cinema Clássico e Orson Welles do Cinema Moderno, Truffaut e Godard, representantes da Nouvelle Vague Francesa, entre outros famosos diretores que têm em comum sua cor de pele, branca, e o fato de serem homens.

Com isso, não é difícil perceber que a indústria cinematográfica, assim como todas as outras, nunca deu espaço para quem estivesse fora desse padrão. Seguramente eles existiram, os pretos e as mulheres, que faziam cinema, como Gordon Parks e Maya Deren que marcaram as décadas de 70 e 40, mas quase ninguém sabe que eles estavam lá, pois não houve grandes esforços para que seus nomes fossem memorizados. Tal desconsideração com as minorias não teve fim, até hoje na indústria audiovisual, mulheres, negros e LGBT's lutam contra o silenciamento de sua arte.

2. Dos fatos

2.1. A mulher como minoria no cinema

A visão falocêntrica do cinema e a convicção na ideia da superioridade do homem fazem com que as produções cinematográficas tenham imagens erotizadas e que são controladas pelo olhar sexual decorrente de uma sociedade patriarcal, refletindo

seus desejos e inclusive formando a estrutura do cinema. O estilo cinematográfico estabelecido por Hollywood no século XIX (e todo o cinema de sua esfera de influência) resultou em uma “manipulação habilidosa e satisfatória do prazer visual. Incontestado, o cinema dominante codificou o erótico dentro da linguagem da ordem patriarcal dominante.” (MULVEY, 1983, p. 440).

Nesse cinema, segundo Mulvey (1983), há forte desequilíbrio sexual, onde o “passivo” é relacionado ao feminino e o “ativo” ao masculino. O personagem homem é a peça central que dá prosseguimento à história, com quem o espectador pode se identificar, encarando-o como uma espécie de substituto na tela, onde se coincidem o poder de controle desse protagonista e o poder ativo do olhar erótico do espectador, gerando uma sensação de onipotência. Dessa forma, o sujeito alienado internaliza sua própria representação a partir dessas existências ficcionais.

Além disso, o processo de objetificação das mulheres cria padrões de beleza (BOTREL, 2017) e resulta em marginalizações dentro de um grupo que já faz parte de uma minoria. Essas “sub-minorias” têm ainda mais complicações dentro do universo do cinema. Uma delas são as mulheres negras.

A população preta num geral, nos EUA, quando teve pela primeira vez acesso aos filmes, sabia estava prestes a assistir uma representação que não era condizente com sua realidade. Os negros sabiam que a mídia de massa era um sistema de poder que reproduzia a supremacia branca, tema abordado por Hooks (2017). As mulheres negras também eram objetificadas nas telonas, porém se as mulheres brancas já eram um produto da erotização, as negras eram ainda inferiores a elas e estavam lá para servir. fortalecer e manter a mulher branca nessa posição de objeto. O conjunto de figurinos, movimentação das câmeras e toda essa possibilidade de variação e da imagem constrói a ilusão relacionada ao desejo e à fascinação pelo corpo feminino, além de construir o próprio modo pelo qual as mulheres devem ser olhadas.

Essa forma de exibição feminina que foi construída ao longo dos tempos tem espaço até hoje nas produções cinematográficas. Atualmente, houve grande discussão rodeando a personagem Arlequina (representada por Margot Robbie), que aparece pela primeira vez no cinema em *Esquadrão Suicida*, filme dirigido por um homem (David Ayer), mas que ganhou um filme solo, *Aves de Rapina*, dessa vez dirigido por uma mulher, Cathy Yan. A diferença entre as duas representações da personagem dos quadrinhos não passa despercebida e não demorou a ser criticada,

principalmente pelos homens, devido à desconstrução da personagem. No filme de Yan, Arlequina abandona as roupas curtas e apertadas, o que não deveria em nada prejudicar a construção da personagem, mas desagradou aos espectadores.

Todos esses diferentes olhares sob as mulheres e sob as minorias, que os colocam em posição inferior à do homem branco e heterossexual é consequência das construções sociais e históricas. A objetificação das mulheres nos filmes reflete e reforça o machismo presente na sociedade e toda essa ilusão gerada pela imagem e escopofilia faz com que o sujeito alienado alcance a satisfação através das obsessões introduzidas por esse cinema, refletindo isso na sociedade em que vive.

2.2. A representação da comunidade LGBTQ+ no cinema

Em um cenário heteronormativo, a simples existência de pessoas LGBTQ's era um ato de perseverança e coragem, e a luta por representatividade era, e é ainda mais árdua. Se por um lado o cinema institui padrões de imagem e comportamento, também possui um caráter empático. A intenção do próprio cineasta é importante, pois ele pode ser um forte aliado na luta contra o preconceito.

Porém, em sua grande maioria o cinema apresentava personagens LGBTQ+'s de maneira caricata para entreter o público heterossexual. Homens brancos usavam personagens homossexuais ou transgêneros de maneira caricata para entreter seus semelhantes e inflarem seu ego e “masculinidade”. Um exemplo da reflexão acerca deste comportamento é apresentado no documentário *Disclosure* (Netflix, 2020) que delinea a representatividade trans desde os primórdios da arte cinematográfica e como esse grupo de pessoas eram apenas um adereço cômico à trama e marginalizados na narrativa. Sendo um grupo que tem menos visibilidade que as “outras letras que compõe a sigla LGBTQ” o mesmo possui menos representações reais e verossímeis da vivência transgênero.

Outro aspecto a ser levado é a hipersexualização feminina nos poucos filmes com personagens lésbicas. O problema é comum em muitas tentativas de inclusão de personagens LGBTQ+'s, pois os produtores e diretores sempre os usam para divertir o público hétero. Talvez, o problema esteja no fato de essas personagens serem criadas de modo que o público que não se encaixa nos padrões sociais não esteja dentro do alcance da obra.

Depois de muito refletir eu percebi uma coisa, o que diferencia esse personagem de muitos outros é (...) o fato do personagem dele ser feito para os LGBTQ's. (...) Claro que os héteros também riem dele,

mas não com a mesma noção do quanto este personagem é complexo e construído para o nosso repertório. (Lorelay fox, GAYS AFEMINADOS NA TV. 2018)

Deste modo, este aspecto do universo cinematográfico deve receber mais atenção. E o cinema deve tentar dialogar com a mudanças dos valores da nossa sociedade.

3. Metodologia

Para embasar nosso estudo sobre o feminismo no cinema, buscamos informações em textos das autoras feministas Mulvey (1975), Hooks (2017) e Almeida (2017), retirados do acervo disponibilizado pela professora de Cinema e Audiovisual da PUC Minas, Clara Albinati (2020). Além disso, sobre o movimento LGBTQ+ no cinema foi feita uma coleta de dados a partir de documentários e vídeos no Youtube e na Netflix, de Fox (2018) e Feder (2020) respectivamente, e de revistas científicas eletrônicas. Trouxemos uma análise da estrutura da sociedade e sua história, feita a partir de uma percepção geral do grupo e dos autores consultados, além de um estudo geral da história do Cinema, inspirada nas aulas do professor Robertson Mayrink (2020).

4. Análise e Interpretação dos Dados

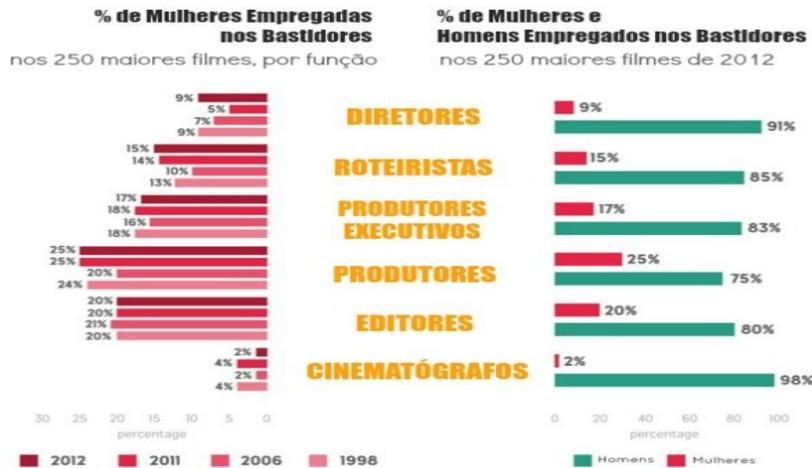
As mulheres e a comunidade LGBTQ+ ocupam uma sub-representação nos filmes. As personagens femininas aparecem, na maioria das vezes, em imagens erotizadas e como objeto de desejo masculino. Por trás das câmeras, a desigualdade na ocupação de cargos da indústria cinematográfica também é grande. Dados de pesquisas feitas pela New York Film Academy (NYFA, 2013) revelam o falocentrismo presente no cinema: nos 500 mais famosos filmes hollywoodianos, apenas 30,8% dos personagens com falas são femininas e 1/3 dessas mulheres são retratadas de maneira provocativa ou até nus, enquanto os homens 7% em roupas provocativas e 9% nus. A mesma pesquisa mostra que somente 10% desses filmes tiveram um elenco equilibrado e que para cada atriz, há 2.25 atores homens.

A comunidade LGBT também é pouco representada. De acordo com pesquisas feitas pela Annenberg Foundation (2018), nos 100 maiores filmes de Hollywood de 2017, nenhum personagem transgênero esteve presente. De 4.403 personagens, também de Hollywood, apenas 0,7% eram gays, lésbicas ou bissexuais.

Essas informações demonstram que Hollywood está presa em muitos preconceitos, e que os cineastas brancos não têm grande interesse em oferecer nos filmes a

representatividade necessária à sociedade. A dominância do masculino é algo que a autora Carol Almeida aborda em seu texto *Contra a velha cinefilia*: os homens não são apenas mais incentivados que as mulheres a se lançarem no mercado, “as mulheres são desde cedo desencorajadas a se colocar publicamente”, ela defende. O que não significa que as mulheres, e as outras minorias, tenham desistido da luta.

Gráfico: Participação das mulheres em contraste com os homens, nas produções cinematográficas.



Fonte: New York Film Academy (NYFA).

5. Considerações finais

A partir dos estudos e dos dados expostos no artigo, fica claro que a participação profissional das minorias no cinema é pequena, e sua representação não muito realista e que isso se deve à “base” branca, hetero, cis e masculina sob a qual nossa sociedade foi moldada.

O audiovisual tem um enorme potencial de instituir os padrões criados por esse grupo privilegiado, mas por outro lado também tem um grande poder de desconstrução do mesmo. Quando o audiovisual expõe, através dos estereótipos e representações expostos neste artigo, o racismo, a misoginia, homofobia e outras intolerâncias e preconceitos, ele acaba por normalizar esse comportamento e propagá-lo aos espectadores. Porém, o processo de rompimento com o rebaixamento das minorias já começou.

Assim, é de extrema importância que as mulheres, os pretos e a comunidade LGBT+ ganhem voz na indústria cinematográfica e continuem lutando para ocupar os espaços que por muito tempo lhes foram negados por Hollywood. Lutar para que sua voz se faça ouvida pela Academia, para que sejam levados às premiações e

festivais, pelos (outros) cineastas, para que conquistem o respeito mútuo e pelos (outros) espectadores, para que também se despertem do mundo dos padrões e apreciem trabalhos mais dignos. Ainda assim, há muito trabalho a ser feito e muito espaço a se conquistar.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Carol. **Contra a velha cinefilia: Uma perspectiva feminista de filiação ao cinema.** Publicado em 19 de Setembro de 2017. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/1E7R8TqzwyxouVtG6dXTIEPLxtjyQGK4S/view?usp=sharing>> . Acesso em: 17 de setembro de 2020.
- FEDER, Sam. **Disclosure: Trans Lives on Screen.** Netflix. Data de lançamento: 27 de janeiro de 2020.
- FOX, Lorelay. **GAYS AFEMINADOS NA TV.** 18 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDaqNrYi-zk&t=231>> . Acesso em 18 de setembro de 2020.
- HOOKS, Bell. **O olhar opositivo – a espectadora negra.** Publicado em 26 de Maio de 2017. Disponível em <<https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>> . Acesso em: 20 de setembro de 2020.
- MULVEY, Laura. **Prazer Visual e cinema narrativo.** Screen. 1975. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Zimc1DB>> . Acesso em: 17 de setembro de 2020.
- PASQUINE, Frank. GENDER INEQUALITY IN FILM. New York Film Academy Blog, 2013. Trad. Nó de Oito. <<http://nodeoito.com/genero-hollywood-infografico/>> . Disponível em: <<https://www.nyfa.edu/film-school-blog/gender-inequality-in-film/#!pre>>
- SMITH, Stacy L.; CHOUEITI, Marc ; PIEPER, Katherin; CASE, Ariana; CHOI, Angel. **Inequality in 1,100 Popular Films: Examining Portrayals of Gender, Race/Ethnicity, LGBT & Disability from 2007 to 2017.** Julho de 2018. Disponível em: <<http://assets.uscannenberq.org/docs/inequality-in-1100-popular-films.pdf>> Acesso em: 17 de setembro de 2020.
- BOTREL, Thais. **A MULHER E O CINEMA: representação feminina no mercado cinematográfico brasileiro. Repositório Institucional.** UFMG, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-APEMR6/1/thais_botrel_disserta_o_vers_o_final_.pdf> . Acesso em: 17 de setembro de 2020.